

# OS LIMITES DA RACIONALIDADE NOS DISCURSOS POLÍTICOS EM REDES SOCIAL DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL<sup>1</sup>

Ângela Teixeira Moraes<sup>1</sup>

## RESUMO

Este estudo avalia as contribuições teóricas de quatro vertentes ligadas aos estudos da retórica e da argumentação para entender a discussão política travada nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira em 2018: a Retórica Clássica, a Nova Retórica, a Retórica da Incompreensão e a Apologia da Polêmica. A racionalidade prevista pela lógica formal, a justificação das convicções e opiniões e o papel da polêmica na democracia são elementos analisados em uma interação no Facebook, escolhida como corpus para este trabalho. A análise teve o objetivo de descrever a natureza dos argumentos manifestados nessa interação verbal. Ideologia e interpretação religiosa emergem como fundamentos insuperáveis do dissenso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação em rede social. Estudos de retórica. Discurso político. Racionalidade. Emoção

## THE LIMITS OF RATIONALITY IN POLITICAL DISCOURSES IN SOCIAL NETWORK DURING THE ELECTIONS IN BRAZIL IN 2018

### Abstract

*this study evaluates the theoretical contributions of three strands related to the studies of rhetoric and the argumentation to understand the political discussion developed in social networks during the Brazilian presidential election in 2018: Classical Rhetoric, the New Rhetoric, the Rhetoric of Incomprehension and the Apology of Polemic. The rationality foreseen by the formal logic, the justification of the convictions and opinions and the role of the controversy in the democracy are elements analyzed in an interaction on Facebook taken as a corpus. The analysis aimed to describe the nature of the arguments expressed in this verbal interaction. Ideology and religious interpretation emerge as unsurpassed foundations of dissent.*

**Keywords:** Interaction in social network. Rhetoric studies. Political discourse. Rationality. Emotion

## Introdução

Os brasileiros talvez nunca se engajaram de forma tão intensa no debate político como nas últimas eleições para presidente no País. As redes sociais digitais tiveram um papel inegável na circulação das informações e opiniões sobre os candidatos e suas ideias, diminuindo sensivelmente a importância do papel de mediação social dos tradicionais veículos de comunicação. Fenômenos como as fake news<sup>3</sup> e a autoverdade<sup>4</sup> foram corriqueiros e preocupantes, e os cidadãos se tornaram consentidos a emitir e compartilhar livremente seus juízos e valores como nunca antes se viu no Brasil – a exemplo também do que vem ocorrendo em boa parte do mundo.

O conflito gerado pela controvérsia e pela polêmica é natural nos discursos políticos e religiosos especialmente. Mas os interlocutores, ao interagir em discussões dessa natureza, projetam uma imagem de si desejosos de que seus discursos sejam racionais e válidos; e o não convencimento provável do outro, por vezes, não os fazem desistir da comunicação. Dessa forma, este estudo problematiza a racionalidade como meio de se alcançar consensos e convencimentos nos processos comunicativos.

Como afirma Angenot (2015, p. 16), “[...] há consideráveis dificuldades de persuadir o outro: as interlocuções humanas não raras vezes são diálogos de surdos”. O autor segue dizendo que diversas ordens reúnem e separam os sujeitos de uma sociedade, fazendo

com que diferentes relações de identificação, afastamento, oposição e repulsa se estabeleçam, sendo mais provável o desentendimento do que o consenso.

Mangueneau (2007) diz que cada discurso se ancora em um conjunto de semas<sup>5</sup> repartidos. De um lado estão os semas positivos, reivindicados para si pelo sujeito, e, do outro, os semas negativos, rejeitados pelo sujeito por se confrontarem com os seus. Ou seja, cada um entende os enunciados do outro a partir do seu próprio campo discursivo e é comum rejeitar os enunciados dos adversários interpretáveis como incompatíveis com a verdade.

Neste estudo se tenta entender como a racionalidade se fez presente ou ausente nos debates durante a eleição presidencial de 2018 no contexto das interações dos cidadãos no Facebook. Foram revisitados os pressupostos da Retórica Clássica e da Nova Retórica e avançou-se para estudos mais recentes que se interessam mais pelas incompreensões do que pelos consensos.

No primeiro grupo de referências estão o filósofo grego Aristóteles e o filósofo belga Chaïm Perelman; no segundo os teóricos do discurso belga/canadense Marc Angenot e a israelense Ruth Amossy. Deles foram extraídas as contribuições e os limites teóricos para entender o que ocorreu nas redes sociais nesse episódio em particular.

O corpus da análise advém de uma postagem na forma da pergunta ‘O que está em jogo no dia 7’, em uma referência ao 7 de novembro, dia da eleição de segundo turno no Brasil, disputada entre os candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Nessa postagem o autor obteve 316 comentários de diversos interlocutores e 24 compartilhamentos. Sua rede social é composta majoritariamente por pessoas de escolaridade superior, de classe média a alta e com perfil religioso. Para a pesquisa, devido ao perfil dos participantes, o corpus apresentava, hipoteticamente, um potencial conflitivo entre racionalidade e crença, possibilitando analisar o objeto.

## Os estudos retóricos e a questão da racionalidade argumentativa

Ao se buscar nos dicionários o significado da palavra ‘racionalidade’ se verá que ela diz respeito a uma qualidade ou capacidade de ser lógico ou de ser sensato. Ser lógico, por sua vez, é ser capaz de fazer operações intelectuais que possibilitam deduzir, induzir, estabelecer hipóteses ou inferências que permitam a distinção entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso.

Na Grécia do período clássico o estudo dos discursos, especialmente aqueles que visavam a persuasão de um público, considerava a racionalidade como principal elemento a ser dominado pelos oradores a fim de que suas teses pudessem ser bem compreendidas e bem-sucedidas em um auditório. Com Aristóteles a Retórica tem um status de disciplina e a abordagem teórico-filosófica da persuasão é a principal referência nos estudos sobre a argumentação até o século XX, quando surge a Nova Retórica.

A Retórica se torna importante no momento em que a democracia se consolida na polis grega. Os que detinham o status de cidadão participavam diretamente nas assembleias deliberativas e precisavam propor ações e justificar suas opiniões diante

de uma plateia. A performance política dos oradores dependia de suas habilidades de raciocinar e argumentar, criando uma demanda para o ensino das técnicas de persuasão.

Mas para Aristóteles a Retórica não é um corpo de técnicas para mera manipulação linguística visando enganar as pessoas. A verdade poderia ser construída pelo orador mediante a apresentação de provas, que podiam ser técnicas e não técnicas. As provas técnicas são de três tipos: a) as que residem no caráter moral do orador (ethos); b) as que se encontram no modo como se dispõe o auditório (pathos); e c) as que residem no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (logos). As provas não técnicas são os entimemas, espécie de silogismo não demonstrativo, caracterizado não pelo certo, mas pelo provável. Esse tipo de raciocínio pressupõe assunções tácitas supostamente partilhadas pelo auditório e faz avançar o discurso, tratando-as como não problemáticas (ARISTÓTELES, 2005).

Nesse sentido, a eficiência de um discurso persuasivo depende, além do bom caráter do orador e de sua capacidade de envolver emocionalmente um auditório, do uso de uma racionalidade. Essa racionalidade pode ser demonstrativa (premissa verdadeira, conclusão verdadeira), ou dotada de premissas implícitas, podendo a justificativa ser omitida desde que a tese fosse razoável.

Aristóteles também trabalhava com a diferenciação entre razão teórica e razão prática. Na razão teórica é preciso saber a conclusão, o fim a que queremos chegar. Na de ordem prática, é preciso saber o problema que queremos resolver. A conclusão da razão teórica é uma verdade, ou aquilo que pensamos ser verdadeiro. A conclusão da razão prática é uma indicação do melhor caminho para o bem, nosso e dos outros, ou seja, o que pensamos ser bom (ARISTÓTELES, 2005).

Perceber essa racionalidade nos debates políticos desenvolvidos nas redes sociais digitais implica alguma cautela. A primeira diferenciação que se deve fazer é que o ambiente em que se trava o debate é bastante diferente daquele que acontecia na ágora grega, onde os cidadãos desenvolviam, consciente e didaticamente, a arte de falar em público. Isso implica uma distinção entre os contextos discursivos.

Na polis somente os homens nascidos gregos e livres eram considerados cidadãos e, portanto, com liberdade para falar. Nas redes sociais digitais o público é quase universal, embora, eventualmente, um ou outro indivíduo possa ser bloqueado e impedido de interagir dentro de determinadas páginas, mais em razão de sua postura ideológica do que pela sua condição de nascimento. As interações virtuais também não visam a deliberação e os participantes nem sempre são instruídos a partir de técnicas retóricas.

Mesmo reconhecendo esses cenários distintos, é possível perceber o uso das provas elencadas por Aristóteles? Essas provas produzem algum efeito de convencimento? O que predomina, a razão teórica ou a razão prática? Essas perguntas guiaram parte da análise do corpus do estudo.

Parte-se agora para os pressupostos da Nova Retórica. No princípio dos anos 60 do século XX Chaïm Perelman propôs uma nova abordagem para os estudos retóricos baseada na justificação dos juízos de valor. Para este autor a justificação da maioria dos nossos argumentos e opiniões foge à lógica formal e à demonstração cartesiana. Diferentemente de Aristóteles, ele não reduz a

presunção da verdade à prova, propondo, em seu lugar, o estudo da lógica 'do preferível' quando se trata da busca por adesão de um auditório.

A lógica do preferível de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) se distancia da demonstração nos seguintes termos sintetizados por Nunes (2015): a) os signos são frequentemente ambíguos e confusos; b) as regras não dependem de sistemas formais; c) os princípios podem ou não ser aceitos pelo auditório; d) a opinião que o auditório tem do orador é importante para a avaliação das teses que apresenta; e) tem como finalidade provocar a adesão do auditório; f) a verdade é apenas um dos motivos de adesão; uma tese pode ser aceita ou recusada também por outros motivos: ser ou não oportuna, justa, útil e outras.

Esses elementos permitem perceber a relatividade da verdade, ou mesmo da probabilidade nos termos aristotélicos, como fundamentos exclusivos da persuasão. A lógica é informal e não se pretende um convencimento intelectual mediante razões filosófico-científicas.

Perelman (1987) afirma que a adesão a alguma tese não tem nada a ver com verdade ou falsidade, pois tudo depende do poder argumentativo. Logo, é tão possível defender uma tese como a sua contrária. Neste sentido, o sucesso da argumentação está no conhecimento dos valores do seu auditório, sendo erro grave a 'petição de princípio', ou seja, propor uma tese que não seria admitida pelo auditório que se quer influenciar.

Essa proposta do autor possibilita um alargamento das compreensões do que ocorre nas redes sociais digitais. Como o espaço discursivo é menos regrado, e não há um acordo em relação às normas baseadas em argumentos demonstrativos, a possibilidade de se empreender um diálogo somente a partir de opiniões informalmente convincentes é maior.

Mesmo assim, a Nova Retórica prevê que os interlocutores podem ser convencidos, assim como a Retórica clássica. A utilização de argumentos mais ou menos formais visa a conversão e, se bem utilizados, garantem a adesão dos sujeitos àquilo que se pensa. Nas palavras de Amossy (2017), o debate arrazoado e a busca pelo consenso estão subjacentes às duas vertentes da Retórica.

Mas a dinâmica imposta pelas novas formas de comunicação, com a participação de sujeitos incontornáveis pela argumentação, seja ela de qual tipo for, parece ser uma realidade que exige novas explicações teóricas. As supressões ou os limites das lógicas argumentativas transportaram os estudos para dois novos campos teóricos que são tratados a seguir: a Retórica da Incompreensão e a Apologia da Polêmica.

### **As novas abordagens sobre a incompreensão e o dissenso**

Para alguns estudiosos das teorias da argumentação a não persuasão pode ser considerada uma falha técnica, mas não para Angenot (2015). Para este autor as discussões que não chegam a um acordo são a regra, não a exceção. Autor da famosa expressão 'diálogo de surdos', ele problematiza o conceito de razão universal, porque cada vez mais as pessoas estão desenvolvendo suas próprias justificações, levando-as a dissensões insuperáveis.

Seus estudos são conhecidos como Retórica Antilógica, ou dos Desentendimentos, ou ainda, Retórica da Incompreensão. Marc

Angenot se dedica a entender os discursos inconciliáveis a partir da ideologia do ressentimento (desprezo pelo outro), do pensamento conspiratório (invenção de fatos que geram paranoia e ansiedade), dos dilemas (quando não há alternativas intermediárias) e dos maniqueísmos e pensamentos binários (baseados em aceções diametralmente opostas). Essas posturas dificultam os diálogos sobre temas polêmicos com vistas ao consenso ou à intercompreensão.

Para Angenot (2015) as incompreensões argumentativas não se resumem a mal-entendidos, pois, para isso, bastariam que as pessoas se explicassem pacientemente, negociassem seus sentidos e 'desobstruíssem suas orelhas'. A questão maior é que os desacordos intransponíveis se devem ao fato de que "[...] as regras de argumentação e os pressupostos fundamentais quanto ao que é racional, evidente, demonstrável, cognoscível, não constituem terreno comum." (ANGENOT, 2015, p. 132). Segundo este autor, os homens tendem a declarar 'irracionais' todas as "[...] crenças, as preferências e as escolhas que não compreendem, e a distância ideológica não é menos geradora de sentimento de irracionalidade que a distância cultural." (ANGENOT, 2015, p. 132).

Nesse sentido, as rupturas retóricas são rupturas afetivas. Segundo Angenot (2015), os argumentos e as ideias do adversário chocam, machucam, causam desgosto e indignação. Essas razões emotivas também compartilham o lugar com as imprecisões, com aquilo que é vago, ambíguo e especulativo dentro do debate social. Até a metafísica oferece melhores razões que os fatos e as estatísticas em muitos confrontos dialógicos.

Nessa mesma direção encontra-se Amossy (2017), em sua Apologia da Polêmica. Em seu trabalho ela identifica que muitas zonas de conflito discursivo são impermeáveis ao trabalho conciliatório da razão. Para ela existem desacordos profundos que nenhuma abordagem racional é capaz de resolver. Como na maioria das interações comunicativas, não há acordo sobre os procedimentos de resolução dos desacordos, toda argumentação se revela difícil.

Nos debates em geral, especialmente os de ordem política, não ocorre o diálogo ideal, pois o espaço discursivo se caracteriza por uma disputa, onde a dicotomização e a polarização são constituintes do jogo. Ironias, violência verbal e desqualificação do outro são comuns. A ética do dissenso, em determinados ambientes, não é valorizada. De acordo com Amossy (2017), a intenção dessas interações, principalmente em espaços públicos – e aí estão incluídos os de natureza midiática e virtuais, não é de fazer com que o interlocutor adira a uma causa ou tese, é a adesão de um público maior que se busca.

Essa constatação, ao contrário de gerar uma preocupação pessimista na autora, a faz revalorizar o dissenso. Para Amossy (2017, p. 33) "[...] a discórdia tem, sem dúvida, efeitos negativos nas relações interpessoais, mas ela é funcional nos grupos sociais em que as forças convergentes e divergentes estão sempre em interação, criando uma dinâmica que é fonte de vida". A combinação entre positivo e negativo é necessária nesta perspectiva, "[...] pois um grupo totalmente harmonioso seria privado de estrutura e vitalidade." (AMOSSY, 2017, p. 33). O conflito é também uma forma de socialização e não necessariamente uma força de ruptura.

Na esfera política conflito e divisão são inevitáveis, e a conciliação, na maioria das vezes, é indesejada porque são marcadores

de poder. Trata-se da mesma observação de Mouffe (2006) quando ela fala do pluralismo agonístico. Ou seja, o dissenso é condição de existência da democracia. Todavia, ela afirma que, para o processo democrático funcionar, deve-se transformar o inimigo em adversário, e não o inverso. O adversário é alguém a quem não se questiona o direito de defender suas ideias. Aceitar seu ponto de vista não é uma questão de o fazer mediante avaliação por meio de um processo racional de suas ideias, mas de aceitação do jogo democrático. Considerar o adversário inimigo, por sua vez, implica querer sua eliminação ou destruição.

O que se vê, na contemporaneidade, são modalidades de interação limitadas e imperfeitas. A apologia da polêmica não descarta, do horizonte, o ideal deliberativo nos moldes habermasianos com vistas aos consensos, mas prefere olhar a realidade da democracia pluralista, onde nem sempre o acordo sobre o razoável é possível. Coexistir no dissenso, sem violência, é o que defende Amossy (2017).

A polêmica, para esta autora, reveste-se de virtude, nesse sentido, pois cumpre funções sociais: a) ela tem função persuasiva em momentos de decisão, é instrumento de luta; b) ela tece o elo social, pois agrega indivíduos no espaço público; c) ela serve como forma de protesto e denúncia, modificando um status quo; e d) ela é uma estratégia de posicionamento, pois encena uma incompreensão via exacerbação discursiva.

As contribuições de Amossy (2017) e de Angenot (2015) tornam a discussão sobre racionalidade algo secundário a ser observado nas interações comunicativas sobre temas polêmicos no campo político. Uma breve experiência nas redes sociais digitais parece autorizar essas novas abordagens a fim de que se possa compreender melhor as motivações e a forma como os cidadãos se inserem nesse espaço público, cuja tecnologia possibilitou a presença de mais atores na produção e circulação social dos discursos, fazendo ou não uso de razões que idealmente são qualificadas como válidas.

## A eleição presidencial na rede

A eleição presidencial brasileira de 2018 teve características singulares, considerando as anteriores do ponto de vista comunicacional. Até então os meios de comunicação coletiva de difusão unilateral, em especial a televisão, constituíram a principal forma de informação dos cidadãos em relação às propostas e ideias dos candidatos. O processo de cobertura noticiosa, os debates mediados pelos jornalistas e a Propaganda Eleitoral Obrigatória de Rádio e TV eram as referências para que os leitores formassem suas opiniões sobre a mudança política.

Para se ter uma ideia, segundo dados da Airfluencers<sup>6</sup>, duas semanas antes das eleições do primeiro turno o candidato do PSL, Jair Bolsonaro, que posteriormente venceu as eleições presidenciais, era o que mais contava com seguidores nas redes: 10,4 milhões de pessoas. Após o atentado à faca que sofreu em uma passeata na cidade de Juiz de Fora (MG), mais de 200 mil novos seguidores aderiram ao seu perfil. Bolsonaro foi o candidato mais comentado em outras redes, inclusive as dos candidatos adversários, e o que mais gerou influência no quesito compartilhamento (AIRFLUENCERS, 2018).

O Twitter, o Facebook, o Instagram e o WhatsApp se tornaram os protagonistas da comunicação entre os candidatos e os cida-

dãos, estabelecendo uma relação direta entre eles, cujas condições dialógicas se diferiram muito daquelas tradicionalmente estabelecidas pelos profissionais de comunicação. As fake news, por exemplo, ganharam uma dimensão nunca antes vista, muito embora a mentira com objetivos políticos sempre tenha existido. Assim, os fatos que, por norma deontológica, são checados pelos jornalistas, deixaram de ser condição de imposição de uma verdade entre boa parte dos internautas eleitores.

Somando-se a esse processo de desinformação, acentuou-se o fenômeno da autoverdade, definido por Veronese e Lacerda (2011, p. 420), a partir da perspectiva pós-moderna de Alain Tourain, como “[...] a desvinculação do indivíduo em relação a discursos universais e totalizantes”, liberando-o “[...] para a busca de sua própria verdade. Esse movimento tem gerado “[...] ondas de individualismo, posturas egocêntricas e orientação de ações utilitaristas”. Esse sujeito também está inserido nas redes sociais.

Uma das consequências desse modo de percepção dos sujeitos contemporâneos, para os citados autores, é o surgimento dos múltiplos relatos e realidades com a relativização das escalas de valores e verdades, e a hiper importância dada ao presente para a tomada de decisões, o que dificulta avaliações de longo prazo por parte deles. Isso implica certo rompimento com a razão, aquela como normalmente entendida pela filosofia antiga e moderna.

Nessa linha de análise está a jornalista e documentarista Eliane Brum, que cobriu as eleições presidenciais brasileiras para o jornal El País. A questão da autoverdade, para ela, não está somente nas ‘verdades’ ancoradas em mentiras produzidas para falsear a realidade. Nesse contexto, “[...] as mentiras que falsificam a realidade passam elas mesmas a produzir realidades, como a eleição de Donald Trump ou a aprovação do Brexit.” (BRUM, 2018). A autoverdade se articula com as fake news, mas segue outra lógica muito mais complexa.

A jornalista acrescenta que “[...] o ato de dizer ‘tudo’ e o como diz o que diz parece ser mais importante do que o conteúdo. A estética é decodificada como ética. Ou colocada no mesmo lugar. E este não é um dado qualquer.” (BRUM, 2018). Por isso, explica ela, é tão difícil a desconstrução de um discurso assim. As agências de checagem, embora sejam eficientes para combater fatos e declarações falsas, têm pouca eficácia para combater a autoverdade.

Sobre as ascensão e valorização da opinião do ‘homem comum’ ou ‘homem médio’, Chaguri, Cavalcanti e Nicolau Netto (2019) já consideram este um tipo social capaz de explicar o êxito do conservadorismo liberal na recente eleição presidencial brasileira. Essa categorização sociológica não nasce com sentido pejorativo, segundo os autores, porque significa tão somente que esse perfil de cidadão nasce de um cotidiano que se tornou mais desafiador por diversas razões.

*Tanto a retração econômica quanto o alargamento de direitos significaram uma competição mais acirrada por bens sociais, como renda e educação, uma vez que, de um lado, houve queda da oferta e, de outro, aumentou-se a quantidade de pessoas competindo por esses bens. A vida do homem médio tornou-se mais difícil [...]. Tendo de se submeter a mecanismos de compe-*

*tição e seleção – seja no mercado ou em concursos públicos – o homem médio não pode prescindir da inércia para encontrar formas seguras de sobrevivência e satisfação das expectativas. A inércia de um mundo fechado aos conflitos de classe, gênero, raça e geração, por exemplo, torna seu cotidiano estável e seguro e, desse modo, passível de ser intelectualmente elaborado sem maiores intercorrências. (CHAGURI; CAVANCANTI; NICOLAU NETTO, 2019).*

Nesse sentido, a renda, o padrão de consumo e a formação acadêmica do ‘homem médio’ parecem insuficientes se comparados aos cidadãos melhor posicionados na estrutura social. Ao mesmo tempo em que uma classe social inferior à sua o assusta. “Do desprezo implícito dos pares ao ressentimento como força construtora fundamental de sua visão de mundo, o medo mobiliza o homem médio e faz do apego à tradição a estratégia fundamental para sua reprodução social.” (CHAGURI; CAVANCANTI; NICOLAU NETTO, 2019). Trata-se da vivência de um vazio social normativo que prescinde de um liberalismo econômico para justificar as diferenças.

As mídias sociais, nesse contexto, contribuem com o protagonismo do ‘homem médio’, reposicionando sua vida privada, alimentando sua visão de mundo por meio das fake news. Embora essa participação no debate público informal não lhe garanta condições mais dignas de vida, seu discurso constantemente alimentado o sacia parcialmente em seu desejo de ser valorizado.

Outro elemento importante para contextualizar essa eleição no Brasil é o sentimento antipetista que acentuou a polarização política. Esse sentimento mobilizou uma postura de repúdio ao Partido dos Trabalhadores (PT), que ganhou as quatro eleições presidenciais anteriores a 2018 e que ficou no poder de 2003 a 2016. O discurso de ódio se consolidou com as denúncias de corrupção investigadas pela operação LavaJato, da Polícia Federal, culminando na prisão do líder do PT e ex-presidente da República, Luiz Inácio da Silva.

Gomes (2018) já havia identificado esse fenômeno no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff. Esse horror ao partido, para o autor, tem basicamente dois significados. Pode ser “[...] tanto o horror às suas políticas públicas quanto à corrupção política que ultimamente se denuncia cotidianamente, tanto a ojeriza a pessoas específicas quanto à própria ideologia humanista, de esquerda e progressista que se crê identificada no Partido.” (GOMES, 2018).

Nesse sentido, existem razões morais e razões políticas que justificam o antipetismo. As razões políticas aparecem nas falas dos grupos políticos que perderam as quatro últimas eleições presidenciais consecutivamente, notadamente a direita brasileira. As razões morais expressam o conservadorismo de costumes, ligados, nesse contexto em particular, às questões LGBT, ao aborto e ao politicamente correto, afagadas pelas comunidades religiosas e machistas.

Há ainda, segundo Gomes (2018), os ‘novos participantes’, que vão incrementar as eleições no Brasil. São eles os de ‘comportamentos mais selvagens’ que estão presentes nas mídias sociais.

Os novos participantes não têm tempo nem paciência para frescuras como “divergir sim, mas com civilidade”, “em política tem-se adversários, não inimigos”, “o autoritarismo, o dogmatismo e a violência são incompatíveis com a democracia”. O antipetismo dos “novos participantes” é movido por julgamentos sumários, decisões assumidas sem análise ou hesitação (Lula é ladrão, o PT inventou a corrupção, a esquerda destruiu o país), sentimento de urgência e sensação de ultraje moral que deve ser reparada mesmo que à custa de sopapos, abusos e ameaças à vida. E se a descrição lhes parece a do fanatismo, não estamos muito longe da verdade. (GOMES, 2018).

Ao antipetismo também se associou à ideia de comunismo aos moldes do que acontece, neste momento, na Venezuela, cuja instabilidade econômica gerou um caos social sem precedentes, fazendo com que inúmeros refugiados adentrassem o Brasil. Embora a esquerda petista nunca tenha sido de fato comunista, o discurso ganhou corpo no debate público e o temor se espalhou pelo País.

Feita essa contextualização, passa-se, agora, à análise da interação recortada para este trabalho a fim de verificar como os argumentos e opiniões pró e contra as candidaturas à presidência da República se desenharam a partir de um post publicado no Facebook. Buscou-se entender como as razões de ambas as partes foram construídas a partir dos aportes teóricos mencionados no início deste artigo e de que forma a interação contribuiu ou não para gerar a intercompreensão ou alguns consensos.

#### Livros ou armas: o debate se inicia

No perfil do Facebook selecionado para este estudo o internauta fez a postagem apresentada na Figura 1.

**FIGURA 1** - Postagem no Facebook sobre as propostas dos candidatos do PSL e do PT



**Fonte:** Adaptado de: <https://www.facebook.com/elias.i.moraes>. Acesso em: dez. 2018.

A imagem convocava os seguidores a se posicionar diante de dois discursos representativos dos candidatos a presidente, Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), postos dicotomicamente pelo autor – cuja intenção de voto era para Haddad, conforme é possível verificar em postagens anteriores nesse mesmo perfil. De início, foi posto um recorte das propostas das candidaturas no intuito de que pudesse sensibilizar o campo religioso do qual o enunciador faz parte, que é o Espiritismo. Os semas positivos ficam com o candidato do PT: livros, amor, verdade e paz; os negativos com o PSL: armas, força, mentira e violência.

Os comentários que se seguiram utilizam diferentes argumentos que se contrapõem e estão sintetizados no Quadro 1. Nesse primeiro momento estão destacados os turnos de fala mais representativos na conversação sobre a questão inicial proposta e, posteriormente, são analisados os tópicos que extrapolaram o tema da postagem inicial.

**Quadro 1** - Argumentos pró candidatos em relação à violência e à educação

PRÓ HADDAD	PRÓ BOLSONARO
“Eu sou Educador e apoio 100% o enfrentamento da violência distribuindo Livros”. [1]	“Então vá para o Rio de Janeiro enfrentar os morros com livros. Cai na real, acordar é muito fácil”. [2]
“É com AMOR e livros sim, que vamos mudar o mundo, foi exatamente isso que nos ensinou o Nosso Mestre Jesus Cristo! Jamais com armas e força! O que acontece é que a sociedade está despertando agora, graças a Deus, mas, pensar que vai surgir um milagreiro e resolver todos os estragos feitos em décadas, é muito ingenuidade”. [3]	“quem está falando de guerra?. queremos ordem e progresso. A educação está uma (\$%&), não dá nem pra estudar em escolas públicas. Estão destruindo os professores. alunos saem do ensino fundamental sem saber ler e escrever. só sendo cego, surdo e retardado para não ver o estado que o PT deixou o país”. [4]
“atuo hoje na Vila Mutirão como educador social. Concordo plenamente com você. É com livros e flores que estamos conseguindo mudar a realidade da vida de várias famílias”. [5]	“Violência é o que fizeram com Bolsonaro, violência já foi implantada pelo PT. violência foi o que fizeram com o país, roubando o dinheiro da educação da saúde, violência está na canalhada que matou milhares de crianças de fome e doença, quando roubou o dinheiro do Brasil e deu para outros países comunistas, violência é uma pessoa morrendo na fila do SUS esperando por uma cirurgia ou um exame urgente”. [6]
“Por que não começar a combater a violência usando de inteligência, gestão, boa gestão do dinheiro público que é até esbanjado na mesma causa? Por que não ouvimos propostas no sentido de equipar bem a polícia, fazer investimento adequado, valorizar o policial, remunerar dignamente, boas condições de trabalho para se evitar tanta corrupção na polícia? Por que não criar programas de prevenção à drogas, cuidar das crianças, esclarecer sobre o que é droga e seus riscos, escolas de período integral, por exemplo. Cuidar dos jovens com tantas opções dignas inumeráveis?” [7]	“Violência é o que está acontecendo na Venezuela com os seres humanos descentes. Quem mata, estupra uma pessoa para roubar tem direito a que? eles sim são os violentos e assassinos. pergunte a Quem teve o filho morto covardemente em tenra idade aí a Senhora terá a sua resposta sobre o que é a violência”. [8]
“Estranho muito ele brincar de “matar bandido” com crianças, falar em “exterminar” os socialistas, depreciar pessoas negras. Confesso que não tenho coragem de votar em alguém com esse perfil de atitudes”. [9]	só pra não esquecer #elesim não se misture com essa turma do “ele não” que tem bandido de estimação!! Acho até que Amoêdo é viável pra outra campanha presidencial!! Essa não! abraço a todos e desculpa se ofendi alguém!! Nunca foi minha intenção! B17” [10]

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Se se retomar a racionalidade pretendida por Aristóteles (2005), ter-se-á que observar as provas técnicas que se referem aos logos<sup>7</sup> e as não técnicas, que são assunções tácitas, presumidas. Quanto às primeiras, os enunciados que comportam as estatísticas sobre a violência e as análises científicas das causas que a geram, bem como as análises dos resultados da intervenção do Estado ou da sociedade na solução do problema, não foram apresentados por nenhum interlocutor. Nem mesmo aqueles que tinham formação em sociologia e direito demonstraram, por meio de pesquisas, os fundamentos de seus argumentos.

Já as provas não técnicas se apresentam como frutos de algumas experiências vividas ou sabidas por parte dos interlocutores. Os posicionamentos pró-Haddad recuperaram alguns discursos sociais de que o investimento em educação é capaz de mudar uma realidade violenta e a ideia de que uma gestão mais eficiente dos recursos públicos poderia prevenir a violência – caso dos enunciados [5] e [7]. Os argumentos pró-Bolsonaro não acreditavam na solução pacífica da violência,

porque o cotidiano está insuportável, requerendo ações mais duras por parte do Estado – enunciados [2], [4] e [8]. Estes lembraram ainda que os governos do PT não investiram no combate à violência e o seu próprio líder, o ex-presidente Lula, era um condenado pela justiça – enunciados [6] e [10].

O quadro permite concluir que a discussão não gira em torno de uma razão teórica, mas tangencia certa razão prática, aquela que indica um caminho para o bem comum, como pode ser percebido no enunciado [7]. Nos demais enunciados, especialmente naqueles pró-Bolsonaro, não se aponta um possível caminho para uma solução que incluía tanto os grupos sociais que praticam quanto os que sofrem com a violência, mas sim uma espécie de ‘revanche’ ou ‘vingança’ por parte daqueles que sofrem.

Na perspectiva da Nova Retórica, não é a verdade ou a falsidade que está em questão, mas o poder argumentativo dos interlocutores. Assim, a capacidade de adesão ou de refutação de uma tese dependerá da argumentação, quando se percebe que os motivos são ou não oportunos, justos ou úteis.

O enunciado [10] é significativo nesse sentido. O interlocutor parece se identificar com outro candidato de direita, João Amoêdo<sup>8</sup> (Partido Novo), mas disse preferir Bolsonaro por causa das suas chances de vencer a esquerda.

Outro internauta publicou uma figura nessa mesma direção. Após o argumento de que havia outras opções para aqueles que professassem uma ideologia mais liberal, ele alertou para o perigo do desvio do voto por considerar que Bolsonaro é o único capaz de derrotar Haddad. O par adjacente apresentado na Figura 2 representa estes enunciados.

**Figura 2** – Postagem no Facebook sobre Amoêdo

**Argumento:** Temos outras opções, que não vão ferir a nossa consciência e compromisso com o Cristo para a evolução de nosso país. E isso é tudo. O discurso de Jesus foi ou não foi de paz e tolerância? [11]

**Conta-argumento:** [12]



**Fonte:** Adaptado de: <https://www.facebook.com/elias.i.moraes>. Acesso em: dez. 2018.

O voto útil aparece nesta outra fala: “O PT está com um score péssimo, 1 presidente preso e 1 presidente deposto por impeachment. Ficamos sem a opção ideal, mas não podemos ficar em cima do muro!” [13]. Esse interlocutor já havia feito a seguinte consideração: “Por mais que votemos em quem acreditamos no primeiro turno, no segundo é quase certo que teremos Bolsonaro vs Haddad” [14]. Assim como o enunciado [12], a proposta da política de liberação das armas por parte do candidato do PSL incomodava menos que a possibilidade de a esquerda voltar ao poder.

Percebendo essa posição, outra internauta se manifestou: “É incrível como as pessoas se escondem nos argumentos de que se não for ele será PT. No fundo quem vota nele tem afinidade com o que ele prega... muito triste isso” [15]. Neste enunciado ela lamentou o voto para Bolsonaro, visto que a maioria naquele grupo era de cristãos, o que parece ser incompatível com essa crença.

Assim, tem-se uma estrutura inicial de interação que parte de enunciados elaborados por meio de provas não técnicas para se chegar a uma conversação com o uso de argumentos utilitaristas. Os demais comen-

tários não mais vão se referir à questão da violência e da educação, mas à polarização ideológica que afetou as redes sociais como um todo.

### Esquerda e direita: a disputa discursiva

Na conversação que foi tomada como corpus para esta pesquisa se verificou que o debate inicial foi logo abandonado para dar lugar à demarcação dos votos, sem que houvesse qualquer mudança de opinião a partir dos argumentos apresentados. Perelman (1987) diz que, em um debate de justificação de juízos de valor, é tão possível defender uma tese como a sua contrária. Entretanto, o autor alerta para a ‘petição de princípio’, quando não se vence uma discussão porque uma determinada tese não seria admitida pelo auditório.

O auditório em questão ficou extremamente dividido e posicionado em relação ao voto. Poucos foram os comentários que se direcionaram às outras opções de candidatos, como o verificado no enunciado [11], ou neste enunciado: “Mas na minha opinião temos vários outros candidatos para fugir do extremismo perigoso que está posto nessas eleições” [16]. E nenhum interlocutor fez qualquer menção de que repensaria seu voto considerando a discussão posta. No Quadro 2 seguem alguns argumentos construídos pelos direitistas e pelos esquerdistas.

**Quadro 2** - Argumentos pró esquerda e pró direita

Pró ESQUERDA	Pró DIREITA
“Cada homossexual que apanhar incentivado pelo discurso do presidente, cada mulher desrespeitada, cada incentivo à violência e à intolerância vai DIRETO pra conta dos que votaram nesse canalha” [17].	“minha consciência não me permite que eu voto em partido que e representado por presidiário, em candidato que conseguiu se o pior perfeito da cidade de São Paulo, que a maioria dos integrantes desse partido não dão importância à valores morais” [18].
“Se vota no projeto de nazistinha tupiquinim ou é ignorante ou mau-caráter” [19].	“No socialismo e comunismo petista não existe democracia. Viu os amiguinhos deles no país vizinho que lindo a democracia deles? Viu o que o José Dirceu disse? Vamos tomar este país. Raciocinem. Bolsonaro nunca disse que vai implantar ditadura. A democracia está imperando. Ele vai ser eleito pelo voto” [20].
“você viu que todos os processos contra o Haddad foram abertos depois que ele emergiu como possível candidato do PT à presidência da república. É importante aprofundar na análise das notícias, porque senão começamos a comprar gato por lebre... Nossa justiça está inteiramente aparelhada” [21].	“Como ficamos? Votamos “nele” ou damos um passo atrás e colocamos no poder o time LulaDilmaetc? Talvez nossa decisão seja, não entre os melhores mas entre os menos piores” [22].
“São tantas as bobagens rodando na rede dizendo que o PT é comunista que as pessoas menos esclarecidas acabam acreditando. Se pelo menos falassem em Social Democracia, como aquelas que vigoraram na Europa nas últimas décadas, talvez até fizesse sentido” [23].	“Notícias fresquinhas no Jornal da Globo. O único que oscilou positivamente na intenção de votos foi o Capitão. Aliás, para ser justo, o Poste subiu unzinho ponto. Tchau queridas!” [24].
“apesar do tanto que falam mal do PT (a maioria eu já conferi e são fake news) eu achei o período ótimo. Quase pleno emprego, crescimento real do salário mínimo, aumento real do poder de ganho dos trabalhadores, as empresas operando no seu máximo, muita gente comprando casa, viajando, comprando carro, trocando os móveis da casa” [25].	“Na verdade o anticristo é o PT. Ladrão e corrupto, PT e seguidores Ciro Gomes, por exemplo, intolerante e truculento é Ciro Gomes, que bate até na esposa. Fala outra, não venha com discurso mentiroso de esquerdopata” [26].
“esse livro NUNCA constou de material do MEC, deixa de ser besta” [27].	 [28]

**Fonte:** Elaborado pela autora.

As provas factuais aparecem nos enunciados tanto da esquerda quanto da direita. Contra a esquerda pesa o enunciado [20] que menciona a declaração radical do petista José Dirceu no dia 1 de outubro, dizendo que o partido iria tomar o poder se não ganhasse a eleição. Também há a pesquisa de intenção de voto veiculada pela Rede Globo, que mostra que Bolsonaro cresceu mais

que Fernando Haddad – enunciado [24]. E, por fim, um material sobre sexo atribuído ao candidato do PT quando foi ministro da Educação – enunciado [28]. Este último é uma referência ao kit gay, amplamente desmentido pelas agências jornalísticas de checagem, sendo, portanto, uma prova forjada. Contra a direita há o desmentido do enunciado [28] por meio do enunciado [27] e a menção dos

índices de melhoria econômica e social durante os governos do PT.

Os outros argumentos são de ordem moral e juízo de valor. No discurso da esquerda está a menção dos direitos das minorias sociais, cuja conquista pode ser afetada pelas políticas de intolerância de Bolsonaro, e ainda a desconfiança da lisura do Poder Judiciário que, nos últimos dois anos tem aplicado sentenças desfavoráveis a membros do PT devido à corrupção. São os enunciados [7] e [21] respectivamente. No discurso da direita está presente o conservadorismo em relação às questões sexuais [28], a menção de uma escala valorativa, estabelecendo Bolsonaro como a menos pior das opções [22], e a presunção de que os esquerdistas são 'doentes', os esquerdopatas do enunciado [26].

Dessa forma, a Retórica aristotélica e a Nova Retórica conseguem fornecer dispositivos analíticos que explicam os argumentos postos no debate. Desde que se entenda a menção (e não a demonstração) das provas factuais como provas não técnicas, mas prováveis, possíveis de serem atestadas em documentos, ter-se-á uma análise compatível com Aristóteles. Os argumentos de ordem moral e os juízos de valor são elementos da análise de Perelman (1987), também passível de aplicação nesse caso.

Mas a Retórica da Incompreensão de Angenot (2015) e dos estudos sobre a polêmica de Amossy (2017) também fornecem poder explicativo para essa conversação, pois, como dito, a partir dos argumentos listados não houve, por parte dos interlocutores analisados, qualquer disposição de diálogo voltado ao consenso. Se houve pretensão ao convencimento, ela foi malsucedida. O conflito de opiniões predominou sem solução.

Isso acontece porque cada interlocutor recortou cognitivamente aquilo no qual queria acreditar. Todavia, mesmo que as pistas discursivas demonstrassem que um interlocutor não mudaria de ideia, os comentaristas dessa postagem no Facebook não desistiram da interação, retornando à conversação periodicamente, utilizando argumentos, por vezes, repetitivos e mantendo a socialização agonística. Segundo Mouffe (2006), essas divisões inconciliáveis são características da política, sendo a manifestação da parcialidade inerente aos processos democráticos.

Um sintoma desse tipo de interação é a alta probabilidade do uso de termos que culminam em certa violência verbal, na tentativa de desqualificar os sujeitos e suas ideias. No caso analisado, teve-se as seguintes: "Fulano é ignorante ou mau-caráter" [29]; "Não respeito seu voto" [30]; "Cês tão fumando crack?" [31]; "Cês tão louco. Parecendo zumbi louco" [32]; "50 tons de imbecilidade" [33] e, "você é o único idiota" [34]. A maior parte dessas expressões veio de interlocutores da esquerda, que se mostraram indignados com os argumentos apresentados pelos interlocutores de direita.

Angenot (2015) explica que as rupturas afetivas são comuns em diálogos com alto grau de dissenso. Quando os interlocutores se colocam como adversários e o diálogo se torna um jogo a ser ganho, os argumentos cedem lugar à indignação. A violência verbal não é necessariamente elemento estruturante da polêmica, segundo Amossy (2017), mas a veemência e a ridicularização podem compor o discurso de forma quase incontrolável em debates muito acalorados.

Passa-se, a seguir, à análise dos argumentos de crença, ligados à religião, e que também fundamentaram os enunciados do corpus.

## A crença religiosa como fundamentação

Boa parte dos interlocutores que participaram da discussão da postagem no Facebook era cristã e se dizia espírita<sup>9</sup>. Por conseguinte, em muitas das argumentações foram utilizados preceitos dessa natureza para apoiar tanto o candidato Bolsonaro quanto o candidato Haddad.

Quadro 3 - As razões religiosas

ARGUMENTOS RELIGIOSOS PRÓ HADDAD	ARGUMENTOS RELIGIOSOS PRÓ BOLSONARO
"Temos outras opções, que não vão ferir a nossa consciência e compromisso com o Cristo para a evolução de nosso país. E isso é tudo. O discurso de Jesus foi ou não foi de paz e tolerância?" [35].	"Espíritas [...] deveriam refletir e aprender com Kardec, com a Lei de Deus explicada pelos Espíritos Superiores. É hora de dar testemunho do nosso aprendizado sobre respeito pela compreensão alheia, pelos valores morais [...] em favor da família, pela vida, pela verdade pelo bem real de todos. [36].
"vc acha que Bolsonaro defende a familia... verdade... e o bem real de todos? Cadê a Lei de Deus?(...) Ainda bem que os "cristãos" seguem um torturado, já imaginou que louco se seguissem um torturador" [37].	Bolsonaro, longe de ser o candidato ideal é a única alternativa real de mudança, de não permitir que sejamos governados por pessoas comprovadamente corruptas, criminosas, inescrupulosas" [38].
"Jesus com certeza está fora do preconceito, VIOLÊNCIA e todo incentivo a tortura, discurso do coiso, do inominável. TUDO q ele defende é totalmente contra o legado de Jesus" [39].	"te respeito mas por favor me respeite também familia acima de todos DEUS ACIMA DE TUDO" [40].
"Você Leu mesmo Kardec? Já leu o que ele fala sobre armas? Sobre porte de armas? Já leu o plano dele para educação? Parece que você gosta mais de fake news de grupo de whatsapp" [41].	"Cristo tem muita vergonha de vocês que estão ferindo pessoas e colocando culpa nos bolsonaristas. Cristo tem muita vergonha de voces acionarem o comando Vermelho para interferir em Cidades do Nordeste. Vai visitar os hospitais do SUS, sem noção. Não coloque os ensinamentos de Jesus pra fazer campanha para ladroes safados" [42].

Fonte: Elaborado pela autora.

Os principais argumentos religiosos dos que defenderam o candidato do PT giraram em torno do apelo à paz, à não violência e ao não preconceito, utilizando, como fiança, o próprio exemplo de Jesus Cristo. Os argumentos dos que defenderam Bolsonaro denunciaram a corrupção como mau moral e defenderam a família tradicional como modelo a ser seguido. Ambas posições encontram eco nos textos evangélicos e kardecistas porque a política, de uma maneira geral, tem uma ética própria que facilmente fere a ética cristã. Não é difícil encontrar incoerências entre aquilo em que se crê e aquilo que se faz, tanto por parte dos políticos quanto por parte dos cidadãos.

Nesse sentido, Perelman (1987) mais uma vez elucida sobre a utilidade dos argumentos que, no debate em questão, serviu de fundamentação para os dois lados do dissenso, embora, como já verificado, não possibilitou consensos, apesar de vários dos interlocutores pertencerem ao mesmo círculo comunitário. Logo, os elementos político-ideológicos se sobrepujaram a qualquer sentido de fraternidade no corpus analisado.

Isso é corroborado por dados da pesquisa Datafolha divulgada em 25 de outubro de 2018. Os espíritas, assim como boa parte dos eleitores, dividiram-se entre os dois candidatos. Jair Bolsonaro conseguiu 48% dos votos válidos deste grupo social e Haddad, 39% (DATAFOLHA..., 2018). Os princípios religiosos, portanto, não foram capazes de unificar a visão política desses cidadãos; e o mesmo ocorreu com outras religiões, embora os índices tenham tido outras variações.

## Considerações finais

O sujeito pós-moderno, multifacetado, capaz de produzir sentidos adversos e convenientes é o sujeito encarnado pelos interlocutores da interação estudada nas redes sociais por ocasião da eleição presidencial de 2018. Nem a religião nem a formação educacional superior dos interlocutores, características comuns que compunham o perfil da maioria dos participantes pesquisados, foi capaz de aproximar os discursos polarizados e promover o diálogo de forma cooperativa e voltada à construção de consensos mínimos sobre violência e educação.

A racionalidade prevista na Retórica aristotélica fundamentou alguns argumentos no início da conversação, mas a Nova Retórica ofereceu mais elementos para explicar os argumentos que se sucederam após o tema proposto pelo responsável pelo perfil do Facebook – e que foram em maior número. Foi o caso dos enunciados de natureza oportunista e utili-

tarista. Todavia, o convencimento com vistas ao consenso, previsto nas duas abordagens, não se materializou, pois nenhum interlocutor demonstrou sensibilidade em relação ao discurso contrário e propôs alguma reconsideração do seu próprio discurso.

Embora a Retórica da Incompreensão e a Apologia da Polêmica não se propõem a discutir a racionalidade nos termos tradicionais, essas vertentes acolhem melhor o discurso político na sua dimensão polarizadora. A ideologia do ressentimento, os maniqueísmos e o pensamento conspiratório estiveram presentes nas falas e dificultaram a intercompreensão.

Os limites da racionalidade nessa interação, portanto, deve-se à disputa discursiva simbólica, no sentido exposto por Amossy (2017), onde os interlocutores se engajam no debate de forma competitiva, onde o pathos se sobrepõe ao logos. Nesse contexto de interação comunicacional, o 'discurso de paixão' impede a cooperação dialógica. Essa cooperação não necessariamente visa o consenso, mas promoveria intercompreensão dos argumentos, sem desqualificá-los, o que pode levar ao risco da violência verbal, como de fato aconteceu em alguns momentos da conversação. Isso propõe uma questão importante para os estudos de comunicação alinhados à Retórica do ponto de vista de uma ética no dissenso, mas também para os estudos que colocam em evidência a idealização do diálogo.

A idealização implica estabelecer que a comunicação só se efetua se houver cooperação e consensos. Mas essa característica se manifesta apenas parcialmente nas conversações que permeiam o cotidiano, onde o 'alinhamento' dos sentidos produzidos seja mais possível, dependendo da situação de comunicação. Para as pesquisas nessa área parece prudente estabelecer expectativas mais realistas, atentando-se para: as variáveis de contexto comunicativo, os temas, as perspectivas morais e a disputa pelo poder simbólico que extrapolam a noção tradicional de racionalidade.

### 1. Ângela Teixeira Moraes

Professora do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFGO) (2012) Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UnB) (2003).

### NOTAS

1. Trabalho apresentado originalmente no Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagem e Produção de Sentido na Comunicação do XXVIII Encontro Anual da Compós, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), realizado de 11 a 14 de junho de 2019.

2. Autor Correspondente 1: prof.atmoraes@gmail.com

3. Fake news, ou notícias falsas, é um termo que se refere às mentiras divulgadas como verdades. Embora tenham sempre existido, elas se tornaram populares com a chegada das redes sociais digitais, devido ao seu potencial de disseminação rápida e descontrolada.

4. A autoverdade é uma característica do discurso descomprometido com a verdade factual e até mesmo do raciocínio lógico, ancorada em crenças e preferências ideológicas. 5 Semas são significados direcionados a um sentido.

6. Agência de marketing especializada em análise de influenciadores digitais que desenvolveu uma métrica interna que avalia a qualidade do engajamento de um perfil nas redes sociais. Os dados podem ser vistos pelos assinantes do serviço em: <https://airfluencers.com/influenciadores/>.

7. Não foram analisados os outros componentes da Retórica Clássica, que diz respeito ao caráter moral do enunciador (ethos) e a disposição do auditório (pathos) enquanto provas, em razão do espaço e da impossibilidade de análise detida dos perfis dos interlocutores que participaram desse debate.

8. João Amoêdo obteve pouco mais de 2,6 milhões de votos e ficou em 5º lugar no primeiro turno.

9. O Espiritismo é uma doutrina formulada pelo pedagogo francês Allan Kardec, nascida no século XIX, com fundamentação ético-cristã.

### REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão**: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. São Carlos: Edufscar, 2015.

ARISTÓTELES. Retórica. 2. ed. rev. Lisboa: **Imprensa Nacional** - Casa da Moeda, 2005. (Obras Completas de Aristóteles, v. 8, t. 1). Disponível em: [https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles\\_-\\_retorica2.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf). Acesso em: 10 nov. 2018.

BRUM, Eliane. **Bolsonaro e a autoverdade**. El País, Madri, 16 jul. 2018. Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001\\_113905.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html). Acesso em: 10 dez. 2018.

CHAGURI, Mariana; CAVALCANTI, Sávio; NICOLAU NETTO, Michel. **O conservadorismo liberal do homem médio**. Época, Rio de Janeiro, 10 jan. 2019. Disponível em: [https://epoca.globo.com/artigo-conservadorismo-liberal-do-homem-medio-23358236?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=compartilhar&fbclid=IwAR1C-rwh3Gajfb-rNmZRn3B4qRr2Wt\\_3xxaF8Yvd-DKORD2xDIuvK6YFzaZww](https://epoca.globo.com/artigo-conservadorismo-liberal-do-homem-medio-23358236?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar&fbclid=IwAR1C-rwh3Gajfb-rNmZRn3B4qRr2Wt_3xxaF8Yvd-DKORD2xDIuvK6YFzaZww). Acesso em: 11 jan. 2019.

DATAFOLHA de 25 de outubro **para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual**. G1, Rio de Janeiro, 26 out. 2018. Eleições 2018. Eleição em números. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

GOMES, Wilson. **Antipetismo, neoconservadorismo e "novos participantes" nas eleições de 2018**. Cult, São Paulo, 12 abr.

2018. Política. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/antipetismo-neoconservadorismo-e-novos-participantes-nas-eleicoes-de-2018/>. Acesso em: 5 jan. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2007.

MOUFFE, Chantal. **Por um modelo agonístico de democracia**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 25, p. 165-176, 2006.

NUNES, Álvaro. **Argumentação e retórica**. Crítica na Rede, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://criticanarede.com/anunesargumentacaoeretica.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 11.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VERONESE, Marília Veríssimo; LACERDA, Luiz Felipe Barbosa. **O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 249-426, 2011.